

## SOLTANDO OS GATOS

Conta-se que um dia, há muitos anos, um gato perdido passeava na Índia. Por acaso, entrou na área onde um guru e seus discípulos estavam sentados no chão, meditando. O gato gostou do guru e começou a se esfregar nas suas costas, ronronando sem parar. Depois de um tempo, o guru ficou aborrecido com a distração e, com um pedaço de corda que tirou de dentro do bolso, amarrou o gato em um galho que achou e o deixou ali até o final de sua meditação. Depois da meditação, observando sua filosofia de respeito por toda a espécie de vida, o guru alimentou o gato, que logo se tornou um membro fixo do grupo. Portanto, para assemelharem-se ao guru, cada discípulo achou um gato. Em pouco tempo, já havia um ritual de amarrar um gato num galho antes da meditação. Essa sociedade para meditação adotou o nome do guru e continuou a existir por gerações depois de sua morte. Mas, no decorrer do tempo, o caráter da sociedade mudou em sua essência. Depois de alguns séculos, ela havia montado uma estrutura complexa para a prevenção da crueldade contra os gatos. Continuava em seus períodos de meditação, mas ninguém sabia explicar por que ela sustentava sua estrutura de proteção aos gatos.

Infelizmente, muitas vezes a Igreja se torna muito parecida com essa sociedade indiana. Ela começa uma prática em uma determinada época, a práxis se torna uma tradição sagrada e a tradição determina valores e estruturas que ninguém se atreve a explicar ou questionar, muito menos mudar. Existem alguns “gatos” que precisam ser soltos caso a Igreja queira se contextualizar (não se mundanizar) e se tornar uma força transformadora na sociedade onde está inserida. Para ser sal e luz, conforme nos determinou Jesus Cristo em Mateus 5.13 e 14, precisamos sempre avaliar nossa práxis, a fim de que a relevância do Evangelho seja experimentada em cada época.

No século XVI, aconteceu uma grande mudança chamada Reforma Protestante. A Igreja Reformada, da qual fazemos parte, nasceu com essa influência, que, segundo alguns autores, como Cairns, já se evidenciava muitos séculos antes através de homens como Cláudio de Turim, Pedro de Bruys, Henrique de Lausanne, Pedro Valdo, João Wycliffe e João Huss, mas que chegou a seu ápice na Reforma Protestante. Homens como Lutero, Calvino, John Smyth e Thomas Helwys (esses dois, patriarcas Batistas) resolveram soltar uns “gatos”. A Reforma gerou um ambiente propício para o crescimento de uma Igreja livre para buscar a Deus. Já se passaram alguns séculos da Reforma e nos parece que é preciso novamente soltar alguns “gatos”. É bem verdade que, nos dias atuais, a maioria é mansa, afinal, naquela época, fazer isso era sinônimo de perseguição e morte, movidas pela Igreja Católica Medieval. Inquisições, como a espanhola, mostram isso claramente.

Hoje, os “gatos” são outros. Relacionam-se mais à estrutura, rituais, estereótipos e falsificação da doutrina. As pessoas que aceitam a Cristo e entram para a Igreja perguntam de vez em quando: “o que esse gatinho está fazendo aí amarrado?” Na época de Cristo também havia muitos “gatos” amarrados. Quer um exemplo? Os fariseus e mestres da lei da época de Jesus Cristo haviam criado 613 regras – 318 mandamentos e 365 proibições – e também 1521 emendas a elas. Jesus resolveu soltar tantos “gatinhos”, transformando todas essas leis em

apenas 2: amor total a Deus e ao próximo (Mateus 22.34-39; Marcos 12.28-31 e Lucas 10.25-28). É verdade que os Fariseus, escribas e doutores da Lei não gostaram dessa atitude de Jesus, mas, graças a esses “gatos soltos”, nós não precisamos mais cuidar de tantos “gatinhos”.

Como Igreja, cabe a nós verificarmos sempre a existência de “gatos” e para isso é necessário coerência, coragem e, sobretudo, uma verificação honesta do que é imprescindível para a Igreja. Analisando isso, podemos iniciar o processo de “libertação dos gatinhos”. E o melhor: soltando-os, teremos mais espaço e liberdade para Deus e para as pessoas.

Jesus Cristo declarou em João 8.31 e 32: “*Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*”. A única alternativa para não vivermos “amarrando gatos” é estarmos firmes na Palavra de Deus, conhecendo-a, aplicando-a e tornando-a nosso critério para avaliação e decisão. Analisar o tempo e ser relevante vem em segundo lugar. A combinação desses elementos debaixo da direção do Espírito Santo de Deus pode nos ajudar a soltar os “gatos”, sejam eles quais forem.

Deste que é elurofóbico, pelo menos na Igreja,  
Pastor Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez